

Pragança terá sido um castro?

Por

FERNANDO CASTELO-BRANCO

A estação arqueológica de Pragança encontra-se numa elevação da serra de Montejunto, sobranceira ao povoado do mesmo nome, tendo sido explorada por José Leite de Vasconcelos no século passado. Como se sabe, desde 4 de Maio de 1887 ⁽¹⁾, este sábio residiu na vila de Cadaval, onde exerceu a medicina, tendo-se retirado daí muito provavelmente nos princípios do ano seguinte ⁽²⁾.

Em 4 de Junho de 1887 dizia numa carta para Martins Sarmiento: «Na serra (de Montejunto) é que talvez haja bons vestígios pré-históricos; logo que tenha doentes para aquelas bandas, e o saiba de véspera, preparo uma excursão lá.» ⁽³⁾ Dessas investigações resultou a descoberta de algumas grutas com interesse arqueológico, pois em 27 de Dezembro desse ano escrevia também a Martins Sarmiento dizendo: «as únicas estações pré-históricas de cá são umas grutas, de onde desenterrei várias ossadas» ⁽⁴⁾.

⁽¹⁾ Em carta datada do Cadaval, a 4-6-87, disse Leite de Vasconcelos: «Estou aqui faz hoje um mês.» *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1958, n.º 23, pág. 81.

⁽²⁾ Em 27 de Dezembro de 1887 escrevia Leite de Vasconcelos em carta dirigida a Martins Sarmiento: «pedi a minha demissão vocalmente, e estou à espera que acabe uma doença que ando aqui a tratar para me retirar de *vaz* para Lisboa». *Cartas de L. V. a M. S.*, n.º 24, pág. 86. Dois dias depois era nomeado conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa por decreto publicado no *Diário do Governo* de 2 de Janeiro do ano seguinte. Todavia só tomou posse do lugar no dia 1 de Fevereiro imediato. Sobre a sua estadia no Cadaval veja-se o que escrevemos na *Introdução das Páginas Olisiponenses*, de José Leite de Vasconcelos, Lisboa, 1959, Ed. da Câmara Municipal de Lisboa, págs. 11-13. Reproduzimos aí o termo de posse desse lugar de conservador.

⁽³⁾ *Cartas...*, n.º 23, pág. 82.

⁽⁴⁾ *Cartas...*, n.º 24, pág. 86.

Pouco tempo depois de ter escrito esta carta abandonou L. Vasconcelos o Cadaval, como já dissemos, mas passados alguns anos, em 1893, voltava aí nas férias da Páscoa e tomava pela primeira vez contacto com esta estação⁽¹⁾. Em Setembro desse ano explorava a estação a expensas da Comissão Geológica, antecessora dos Serviços Geológicos de Portugal⁽²⁾. No ano seguinte, em Maio-Junho, fazia com o adjunto do Museu uma excursão arqueológica pela Estremadura, durante a qual visitou mais uma vez Pragança, e em Agosto-Setembro desse ano fazia ali nova exploração arqueológica⁽³⁾. Posteriormente, em 1895, 1896, 1898 e 1902 realizou excursões arqueológicas, durante as quais visitou Pragança, adquirindo objectos provenientes dessa estação⁽⁴⁾.

Além de L. Vasconcelos, Monsenhor Boto deve ter aí realizado uma reduzida exploração arqueológica, cujo deminuto espólio se encontra no Museu de Faro⁽⁵⁾. Também no Museu da Associação dos Arqueólogos se encontram materiais provenientes desta estação⁽⁶⁾.

Leite de Vasconcelos nunca consagrou um estudo a Pragança ou às explorações que ele e o adjunto do Museu aí realizaram, tendo-nos deixado no entanto algumas rápidas sínteses da estação. Assim, em 1896 descrevia-a nos seguintes termos: «Castelo de Pragança, tipo de um castro também pré-romano, mas participando da civilização do período da pedra polida e da dos primeiros períodos do metal — castro em que apareceram abundantes objectos neolíticos, a par de não menos abundantes objectos de cobre ou bronze, muita variedade de louça, já lisa, já belamente ornamentada, muitos pesos de barro pré-romanos, também ora lisos, ora orna-

(1) «O Castelo de Pragança, no Cadaval, reconhecido por mim pela primeira vez nas férias da Páscoa de 1893, numa visita que aí fiz». *Museu Ethnographico Português in Revista Lusitana*, Porto, 1894-5, Vol. III, pág. 200.

(2) José Leite de Vasconcelos: *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, pág. 316.

(3) «Em Agosto e Setembro o Adjunto fez explorações no Castelo de Pragança (já começadas em 1893, a expensas da Comissão Geológica), no Castelo-Velho e nas grutas do Furadouro todas com proveito, sobretudo a da primeira destas estações.» *Idem, Idem*, pág. 316.

(4) *Idem, idem*, págs. 317, 318, 320 e 323.

(5) Ao descrever os materiais arqueológicos que encontrara nesse Museu disse Leite de Vasconcelos: «Os objectos de Pragança colheu-os o Cónego Boto numa ocasião que aí foi de visita, e em que mandou fazer por curiosidade algumas escavações.» *De Terra em Terra*, Lisboa, 1927, Vol. II, pág. 248.

(6) *Guia do Museu Arqueológico*, do Dr. António Machado de Faria, 3.^a ed., Lisboa, 1957, pág. 20.

mentados, instrumentos de osso e marfim, contas de ribeirite e de outras substâncias, mas onde não se encontraram esculturas, e onde o uso do ferro, a julgar dos objectos que se colheram, é ainda duvidoso ou pelo menos é restrito»⁽¹⁾.

Passados alguns anos, em 1905, voltava Leite de Vasconcelos a referir-se a essa estação arqueológica: «Pragança, en Estremadura, est le crasto le mieux représenté dans le Musée, à cause de ses riches dépouilles, appartenant à toutes les époques, en commençant par le néolithique. On y trouve: des pointes de flèche en silex et en cuivre des lances en silex et en bronze, des haches en pierre et en bronze, des marteaux en pierre, des meules, des pendeloques en pierre et en bronze, des marteaux en pierre, en verre et en ambre, des fibules en bronze, des vases, des fragments de poterie ornementée, des poids d'argile semblables à ceux d'Argar (Espagne), des fusaiöles.»⁽²⁾

Como se vê, Leite de Vasconcelos considerava Pragança um castro. Por isso, quando visitámos essa estação arqueológica, surpreendeu-nos bastante o facto de não termos aí encontrado nítidos vestígios de fortificações, nem ruínas que pudessem ser consideradas seguramente como restos de muralhas. E a nossa perplexidade aumentou ainda mais perante uma carta que Leite de Vasconcelos escreveu a Martins Sarmiento e na qual diz: «Pode ter a certeza que Pragança é um castro, bem delimitado por três lados (escarpas e um vale fundo), e mesmo denominado castelo»⁽³⁾. Daqui concluiu-se antes de mais nada que o insigne explorador da citânia de Briteiros e do castro do Sabroso pusera em dúvida que Pragança fosse um castro por motivos que infelizmente ignoramos. Concluiu-se ainda ter Leite de Vasconcelos defendido que Pragança era um castro, baseando-se apenas na sua situação, delimitando-o por meio das escarpas e do vale que circundam a estação e não recorrendo ao traçado das muralhas que a deveriam envolver, no caso de se tratar de um castro. Este pormenor, conjugado com o facto de não ter Leite de Vasconcelos feito qualquer alusão a fortificações ou a muralhas nas suas breves descrições de Pra-

(1) *Castros in O Archeologo Português*, Lisboa, 1896, Vol. I, págs. 5-6.

(2) *Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portugais — Lisbonne in O Archeologo Português*, Lisboa, 1905, Vol. X, pág. 67.

(3) *Cartas...*, n.º 59, pág. 177.

gança, ainda mais aumentou a nossa perplexidade motivada pelo facto de não termos encontrado aí vestígios seguros de muralhas ou de fortificações. Ora sucede que, com unanimidade digna de registo, os castros têm sido considerados como povoados fortificados. Assim, Leite de Vasconcelos disse que «um castro, ou segundo a pronúncia vulgar, crasto, representa uma antiga povoação fortificada»⁽¹⁾. Mário Cardoso afirmou que «todos os castros eram núcleos de povoação permanente, fortificados»⁽²⁾. O Prof. Doutor Orlando Ribeiro definiu-os como «poblaciones rodeadas de muros de piedra seca»⁽³⁾, e muito recentemente o Doutor Octávio da Veiga Ferreira escreveu: «tratando-se dum castro, ou seja, dum povoado fortificado»⁽⁴⁾. Parece-nos portanto que tem fundamento o problema da classificação arqueológica de Pragança, devendo considerar-se por enquanto com reservas que se trate de um castro.

Esta conclusão a que nos levou o estudo da estação arqueológica de Pragança foi corroborada pelos resultados a que chegou a Dr.^a Irisalva Moita no seu trabalho sobre a inventariação dos nossos castros, apresentado ao Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, reunido no Porto em 1962. Diz-se aí: «temos, porém, visitado alguns — geralmente conhecidos sob o topónimo de *Castelo* — a que não podemos atribuir outra função senão a de fortaleza-vigia ou de santuário ou as duas coisas ao mesmo tempo (...) É possível que ainda se venha a constituir um terceiro grupo com exemplares que apenas serviram de santuário»⁽⁵⁾.

Será este o caso de Pragança, que a população local designa precisamente como castelo de Pragança? É bem possível e só um estudo mais profundo da estação nos poderá elucidar a esse respeito⁽⁶⁾. Por outro lado parece-nos que perante a unanimidade existente no que respeita ao conceito de castro, ser necessário não só não incluir nesse tipo de esta-

(1) *Castros* in *O Archeologo Português*, Lisboa, 1896, Vol. I, pág. 2.

(2) *Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso*, Guimarães, 1956, 4.^a ed., pág. 11.

(3) *Geografía de España y Portugal*, Barcelona, 1955, Tomo V, pág. 71.

(4) Prefácio à *Fauna Malacológica do Castro da Rotura*, de Carlos Tavares da Silva, Setúbal, 1963, pág. 9.

(5) *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências — XXVI Congresso Luso-Espanhol*, Tomo II, pág. 458.

(6) Terá sido intencionalmente que Maximiano Apolinário se referiu a «uma estação neolítica importante no ponto da Serra chamado o Castelo de Pragança»? — *Grutas do Furdouro* in *O Archeologo Português*, Lisboa, 1897, Vol. III, pág. 95.

ções as que não possuírem muralhas, porque embora contemporâneas dos castros não possuem as suas características essenciais, mas que também e conseqüentemente se torna necessário rever as estações arqueológicas consideradas como castros, pois decerto algumas delas têm sido indevidamente incluídas nesse tipo de estações (1).

(1) Este artigo reproduz, com alterações, parte do relatório que, como bolseiro apresentámos em 1963 ao Instituto de Alta Cultura.

